

# ARCHIVO LITTERARIO

JORNAL FAMILIAR, VARIADO, CRITICO E REGREATIVO.



ASSIGNATURAS ; CÔNTE.		PROPRIETARIOS	ASSIGNATURAS : PROVINCIAS.	
ANNO	1863	ANTONIO ARNALDO NOGUEIRA MOLABINHO	ANNO	1863
SEMESTRE	1863	ANTONIO JOSE CARNEIRO GUIMARAES	SEMESTRE	1863
TRIMESTRE	1863		TRIMESTRE	1863

As assignaturas são pagas adiantadas. Avulso 200 rs.

Publica-se todos os domingos. Recebem-se assignaturas nestas typographias — Rua Nova do Ouvidor n. 9 — e no escriptorio da Redacção, rua da Lampadaria n. 52. Recebe todo e qualquer artigo litterario para ser publicado, uma vez approvedo pela redacção.

## ARCHIVO LITTERARIO

### Damião de Goes.

D. João 3.º, em premio dos serviços que Goes tinha prestado, e nomeou guarda-mór da Torre do Tombo, o chronista mór do reino. Goes desempenhou o primeiro encargo, reduzindo a boa ordem os papéis e documentos, que estavam confusos no archivo real; e o segundo escrevendo em 1558 a chronica d' elrei D. Manoel, que dedico ao cardeal D. Henrique. Esta obra havia sido começada pelos chronistas Ruy de Pina, Fernão de Pina, e por D. Antonio Pinheiro, bispo de Miranda.

Damião de Goes soube com perfeição as linguas mais cultas da Europa, e teve bastante intelligencia das linguas arabica e abyssina. Era um dos mais insignes musicos da sua época, e compunha versos que accomodava á solfa. Barbosa asservera, que muitas destas composições se conservavam na bibliotheca real, na época em que elle escreveu. Damião de Goes foi muy versado na historia sagrada e profana, e na genealogia, em que escreveu a de algumas familias nobres do reino, fazendo-o porém com tal parcialidade e impulsos de vingança, que offuscou parte da fama que ganhara. Tendo chegado a idade provelta, faleceu na sua patria, deixando duvidosa a posteridade sobre a causa assim da sua morte, como da época em que esta succedeo. Os biographos assigna a sua morte em o anno de 1560, fundados no epitapho da sua sepultura; mas enganar-se-ão, pois consta da quarta parte da chronica d' elrei D. Manoel, impressa a 25 de julho de 1567, e rubricada pela mão

de Goes, que ainda vivia nesse anno. Foi sepultado no pavimento da capella mór da parochial igreja de Nossa Senhora da Varzea villa de Alequer, sobre a lapida sepulcral se lê um elegante epitapho latino, que elle proprio compozera.

Além da chronica de D. Manoel, de que já falámos, Damião de Goes compoz diversas obras latinas, que se relatão no Summario da Bibliotheca Lusitana; e bem assim algumas manuscritos, taes como, os Avisos a um cortezão, a Theorica da magica, e o Nobiliario do Portugal, obra que deixou imperfeita, e que teve grande nomeada no seu seculo.

(Da R. P.)

## LITTERATURA

### Gastão e Isabel

(Continuação.)

Dous dias se passaram sem que houvesse mudança alguma na situação de D. Isabel; ao terceiro dia ella vio seu pai a passear no jardim com o seu confessor, o qual o tinha vindo procurar, para lhe dar noticias de Saragoça.

— D. Gusmão, lhe disse elle, haveis dado ham passo muito atrevido, arrebatando D. Gastão; elle é rico, pertence a uma poderosa familia, tem amigos, e se não lhe restituís a liberdade é muito provavel que o venhão tirar da qui á força.

— Elle seduzio minha filha, exclamou D. Gusmão.

— Queria casar com ella, respondeu o confessor, e era eu que os devia abençoar; pois ainda que elle não me nomeou a pessoa a que se havia de unir, tudo me faz

acreditar que se tratava de D. Isabel.... Crede-me; casai-os, e aplacai assim o sentimento de uma familia poderosa.

— Tendes razão; meu padre, respondeu D. Gusmão, em vos obedecerei; e assim o joieis assegurar á familia de D. Gastão.

O confessor partio. D. Gusmão mandou chamar Pedrillo, com quem teve uma conferencia secreta.

Pedrillo era um mancebo de vinte e cinco annos, de figura agradável, mas arrogante; e estava prompto para tudo que podesse satisfazer a sua ambição e cubica. Vio-se que elle não hesitava em aceitar o anel de D. Gastão; e agora apresentou-se a D. Gusmão de Herrera, com o chapéu na mão, e os olhos baixos, como um hypocrita, para receber as suas ordens.

— Pedrillo, lhe disse o pai de Isabel, os amigos de D. Gastão querem-no tirar daqui.

— Levantaremos a ponte levadiza, senhor resp. Pedro, e armaremos os criados.

— Eu não posso sustentar um assedio.

— Nesse caso he preciso tirar o preso deste castello, e transporta-lo para alguma das vossas propriedades mais distantes de Saragoça.

— Ha outro meio, Pedrillo; póde-se misturar este liquido no vinho que se der a D. Gastão; e depois tudo está acabado.

Pedrillo pegou no vidro que continha o veneno, e prometteo a seu amo que executaria fielmente as suas ordens. Com effeito, no dia seguinte pela manhã espalhou-se por todo o castello o rumor da morte de D. Gastão; e á vella, que se via D. Isabel, apresentou-se a dar-lhe esta triste noticia.



— "Morreu! exclamou D. Izabel.

— Sim, respondeu a velha, foi morto por ordem de vosso pai, que não tolera que o offendão impunemente."

Sabendo deste crime, Izabel oculta seu rosto entre as mãos, apoderando-se della os mais tristes presentimentos; e segundo o costume das dozelhas hespanholas d'aquelle tempo, lembrou-se de ir procurar no seio da religião um refugio contra os males tristes, que esperava de seu pai.

— "Meu Deus! exclamou ella, eu entrarei no convento de Nossa Senhora do Pillar, e professarei, pois já que não posso ser de D. Gastão do Alvarez, não quero ser de nenhum outro homem."

— Não he essa a tenção de D. Gasmão, respondeu a velha: vós casareis dentro em poucos dias."

Passarão-se dois dias, e pela alta noite do ultimo abrio se a porta do quarto de Izabel, e estava a entrar Pedrillo. Então a moça, que conhecia a da exa de seu pai, e que era animosa como uma castelhana, apresentou o peito aquelle que olha a como seu verdugo, e lhe disse.

— Fere assim como já feriste a D. Gastão.

— Na la tema, senhora, lhe disse Pedrillo, e ouça-me tranquillamente. Ha verdade, o seu pai me incumbio de matar D. Gastão, não com ferro, mas sim com veneno. E quanto a senhora, eu não sei quaes sejas os projectos de meu amo; porém, apesar de o julgar muito irritado, não penso que elle trate de se desfazer de sua filha. Mas senhora, é o seu interesse que me traz aqui: as esordidas de seu pai. Primeiro que tudo devo saber que D. Gastão não morreu.

(Continúa.)

## VARIED DES

### O apostolado scientifico

(Continuação.)

Hoje, assim como nas hebdomas do preterito, ha tres cousas que formão o verdadeiro e inclyto motivo de todas essas grandiosas aventuras que levarão o terror e a devastação à cidade dos Cesares, e a civilização e o christianismo às triumphadas mongolicas, scandinavas e germanicas, sem esses tres corolarios não se pôde conceber o objectivo sem que esso falhe e elles são: « Base, Fim e Meios. »

O vate dos *Luziadas*, o guerreiro de Ceuta, o cantor de Portugal e o amante de Catharina, a Athayde teve por certo esses tres marcos para locupletar o grandioso monumento que forma o palraão mais rico de Portugal, teve por base as idéas e simulacros representativos do subjectivo, essas idéas ternas quaes trinados do emplumado rouxinol, que encanta e seduz; por fim: legar aos seus coevos ingratos e aos vindouros uma pedra que devia ser annexa ao material

que deve erguer o Pantheon Universal, onde sob uma só cap da mescla se os nomes estupendos, e quaes serão os meios de que se serviu aquelle que morreu pobre como Irô? Serião os leves fantasmas que passão? Não.

Os meios foram acerbos, duros e atrozes, porque foi preciso arrastar com constancia a critica do homems pygmeus; porque, como Socrates, foi-lhe preciso tragar a creta, que a maleficencia e a inveja prostrara-lhe; porque, assim como Promethen teve de sofrer os atrozes tormentos no Caucasó; Camões defendeu heroicamente a civilização que evaporava se com a penna de cantor dos *Luziadas* e com a espada de soldado de Ceuta.

O fim, pois, da actual missão é a illustração que trará em resultado a gloria e o triumpho como simulacros da verdadeira adhesão à sciencia, como emulos desse ban, que não pô e ser tão passageiro, porque brota raizes por todos os lados e porque é faísca divina, e portanto o fim é nobre e sagrado, e todo aquelle que pretender encaminhar-se para a Cinaan poderá ser feliz, porque a felicidade na phrase de Augustin Hyerry basea-se no sacrificio feito à sciencia em prol da humanidade, e na verdade se a felicidade não fosse isto, porque razão Hypocrates envidaria seus esforços para alliviar os males phisicos. Mesmer, procurando o lenitivo veridico, Flamel, Ruggiere e Cagliostro, a peira philosophal e a panacea universal? Consiste, pois, a felicidade no sacrificio: Christo morre no prol dos homems; Colombo, o descobridor da America vai apresentar seus pulsos aos algozes e recebe um carcere em prol de seus servigos; Galileu, sacrifica lo, é hoje ollhado como nosso competidor das intelligencias grevo-lativas.

MANOEL ANTONIO MAJOR.

(Continúa.)

### Um episodio da vida de Lord Byron.

(Continuação.)

Em seguida, occuparei por algum tempo vossa attenção, narrando-vos um caso extrordinario; eil-o:—Viajei como sabeis na Hespanha, depois de haver percorrido quasi todo o globo; procedendo de alta linhagem e possuidor de abundantes cabedões, cercado de amigos, e fortuna desde o berço, a felicidade me sorria até a idade de 34 annos que então contava; dotado pela natureza d'um genio ardente e apaixonado ame as mulheres desde a mais humilde moça até a aquella da mais alta sociedade, duquezas entrarão neste numero. Eu olhava as mulheres como se olhara as rosas quando estão em todo o seu viço e frescor: de manhã ao despontar da aurora muito bella, de tarde ao pôr do sol a haste curva e a

fronle pendida para o chão.—Ria-me como louco; mas o amor, essa creança que o poetas repesentão cego, ou com os olhos endados, jurou vingar-se da minha inconstancia.

Assim que cheguei a Sevilha fui alojar-me na hospedaria intitula *La a del Oro*.

O dono da casa, homem de seas vinte e cinco annos de estatura alta, e bem feito, era *Tambolerero* *de las Guardias Del-Re*. Dasse-me a sala que eu devia occupar e en-arregou-se de me manta escolher mobilia moderna, visto a que ali estava estar já alguma coisa usada, o que dispensei....

A noite, foi então que pela primeira vez vi a esposa:—era moça de dezoito annos, altura regular, pallida, olhos azues rasgados, compridas pestanas e formosos cabellos pretos, que e rola a em redor da testa que era de espaço alta. Quando caminhava, representa a aquelle andar seductor de uma andaluz, antar que faz captivar a attenção de todos os estrangeiros.

Acreditai, amigos, eu que até então, verdadeiramente fallando nunca tinha amado, apaixonei-me por a esposa do *tambolerero*, com uma paixão, que conforme se costuma a dizer, tocava quasi a méta do desespero, fui retribuido por ella com igual amor, ciumenta até o mais alto ponto não podia tolerar que eu ollhasse para qualquer outra mulher que não fosse ella. Ao mesmo tempo fumava cachimbo como fumaria um arabe no tempo de inverno no meio de um Oasis, e tomava rapé, como o poeta *Towasae*.

Esquecia-me de vos dizer que já em antes, quando passei na Andaluzia, as freiras saltavão os muros dos conventos para me ver passar de noite, porque tenho de costume, durante a estação calmosa, fazer a jornada assim para evitar os ardores do sol.

Eu tinha revelado isto a Casilda (assim se chamava a mulher do *tambolerero*) o que fez com que o seu amor augmentasse para comigo.

Um dia, estava eu recostado a uma janella, olhava para o jardim aonde estava um tanque e contemplava a aguia de marmore que lançava do bico jorros de crystal sobre uma infinidade de peixes que ali nadavão, ella chegou ao pé de mim, e bateu devagarinho no meu hombro; voltei o rosto e os meus labios forão machinalmente encontrar os da amavel Sevilhana...

— Que tens Byron, me perguntou, acompanhando esta interrogação com um amavel sorriso.

— Nada meu amor, estou invejando (talvez não acrédites) a sorte daquelles aquaticas, que de momento a momento, estão sendo cobertos de perolas. Vê amavel Casilda, como reberberão as suas escamas de ouro e prata aos resplandecentes raios do sol!...



— E' verdade: são muito bellos; mas nós somos mais felizes do que elles, não é assim ?

— Janganas-tu: temos pleno conhecimento da nossa existencia; enquanto aquelles sem a comprehenderem são mais felizes porque a ignorão.

— P'ás não seramos felizes, amando-nos da maneira que nos amamos.

— Se este amor podesse durar eternamente! Mas quando menos o experimentamos, o destino ou a morte nos fará separar.

J. A. F. DA FONSECA.

(Continua).

## POESIAS

### O Gego.

Santo Deos! concedeste-me a vida,  
P'ra mais tarde tirar minha luz;  
De soffrer minha alma opprimida,  
Já não póde com o peso da cruz.

Perdi um pai, uma mãe, e a mulher!  
Perdi cranças, amor e affeição l...  
Não me resta no mundo sequer  
Um amigo, um albergue, ou um pão.

Não encontro na terra doçura,  
E' o dia p'ra mim negro manto:  
Eu supporto cruel desventura,  
Com fé pura e creença d'um santo.

Já no mundo sorrindo a sorte,  
Para mim apontou um altar;  
Porém hoje só peço a morte,  
E a campa onde vá repousar.

Morrerei sem ter quem na lousa,  
Vá por mim uma prece rezar;  
E lá onde o meu corpo repousa,  
Uma lagrima sequer derramar.

Santo Deos! concedeste-me a vida,  
P'ra mais tarde tirar minha luz!  
De soffrer minha alma opprimida  
Já não póde com o peso da cruz.

J. D. C. Mello Guimarães.

### Um dia na Tijuca.

Se te ergueres hoje mais cedo  
Verás com que belleza  
Vinha a aurora pouco a pouco  
Dando luz á natureza.

...

— « Como a manhã surri formosa  
Por esses ledos bosques gentis,  
Como é bella e orgulhosa  
A lua dando ás flores matiz!  
Na Tijuca, a fresca aragem  
Vai berrolando a folhagem  
A' sympathica flôr de Lis.

Gloria a Deos que tudo cria:  
Na terra immensas flores,  
No mar ondas que extasia,  
Ao trovador novos amores!  
Lá nessa terra gigante  
Que nos inspira distante  
Um canto cheio de dores l...

Se esse orvalho celeste  
Que dos Astros a' Ombra vem  
Póde assim como ao egypteste  
Servir-lhe de néctar também!  
Vir ao jardim; onde a flôr  
Tirar-lhe seu meigo odor...  
E depois morrer: o que tem?

Sucesso a morte á vida  
E' maior consolção,  
Ir p'ra os campos, e na lida  
Fugir para a solidão...  
Ahi sim, — pedirei aos nubes  
Venham dar-me novos lumes  
Do seu forte clarão l...

Bem fadou-te a natureza,  
Tijuca, Cintra chamula!  
Do Brasil! és a maior belleza,  
E dos estranhos invejada  
Tau céu é da cor de anil,  
Quero ver te vezes mil,  
O' terra tão sublimada!

Oh! quão soberba te elevas  
Por essas montanhas além,  
Quanto vivendo nas trevas  
Nunca te virão também...  
Malditos sejam teus filhos,  
Que não conhece teus brilhos  
Podendo-o. dão-te ao desdem!

Como é lindo o firmamento  
De tardo ao pôr-se o sol!  
Não aprecia triste avarento  
Trinados do Rouxinol;  
Vise tetrica na lida,  
P'ra comprar a doce vida,  
E perece como arrebol.

Ainda dai-me, ó meu Deus,  
P'ra ir nas manhãs formosas  
Cantar os segredos meus,  
A's cachoeiras saudosas:  
Suas aguas crystalinas,  
As estrellas purpurinas (\*)  
Lá se banhão deleitosas!

Pouco a pouco vão fugindo  
Pelas campinas de lá...  
Por entre os bosques ouvindo  
O mavioso Sabiá.  
O crepusculo nos já annuncia  
(Que pena) a noite por dia,  
— Findou! não mais virá.

(\*) Duas jovens, que todos os dias vão banhar-se. (Não mais as verei).

Mas ai! se a morte um dia,  
Não me fôr d'além mar;  
— Nesta terra eu qu'ria  
Minha vida aqui findar...  
Se este canto amortecido  
No olvido achares perdido;  
— Resurgio? não mais pensar!

Que me importa grandezas na terra  
Se a morte lhe esca o frescor,  
Antes só, como o monge na serra,  
Ou no prado o nobre pastor!  
— Esta sim? é a vida que invejo,  
Inda choro por ella com pejo.  
Mandai-m'a, ó D. os Redemptor!

M. C. DE ALMEIDA.

Rio, 5 de Abril de 1863.

### ACROSTICO.

Com teus olhares virginaes e puros  
V'ssdeste n'alma um ardente amor;  
Zombas talvez das paixões do Bardo?  
M'os teus pes! compaixão á dôr l...  
W'imoza rosa da manhã de amores  
H'imagem santa do altar celeste;  
V'aguiro véo concede ao triste  
S doces phrases que tua alma veste!

..A.

Em 20 de Outubro-63.

### Eliza.

(S. Christovão.)

Eliza teus olhos  
São astros brilhantes,  
Que vivos scintillão.  
Que matão semblantes.

Tu és linda estrella  
Que brilha no-ceo:  
Tu és o pharol  
E's o guia meu.

Feliz eu seria  
Se pudesse a teu lado  
Gozar o allivio  
D'amor tão sagrado.

Junto a teu lado  
Quizera passar;  
Gozando carinhos,  
Qu'a mim vem matar.

Mas já que a sorte  
Nos quer separar:  
As chamas busquemos  
De amor apagar.

O Passatempo.

### [Meu canto.

A MEU AMIGO JOAQUIM JOZE FERREIRA D' AMORIM

Meu canto é triste como o piar do mocho  
Que poisa errante na marmorea cruz;  
Que triste geme... e na escuridão da noite  
Seu brilhante olhar—só—ali transluz.

Meu canto é triste como a canção terna  
Do fiel amante que já foi trahido  
Por aquelle anjo que adorára tanto  
De quem agora já é esquecido.

Meu canto é triste como triste é  
Quando á noite—o clarão funereo  
Allumia o frio e engelado corpo  
De um amigo— lá no cemiterio.

Meu canto é triste... e bem triste é  
Elle é tão triste como a minha alma...  
Cantó alegre encontrar não póle  
Quem do martyrio recebeu a palma.

Meu canto é triste...—e bem triste é!...  
Se canto ás vezes festival canção  
E' um canto triste que só diz os labios  
Que desmente o meu coração.

Rio, 20 de Abril de 1863.

A. J. T. Lopes Junior.

## PALESTRA

Deves estar enfadado comigo, por ter  
sahido da corte sem te dizer coisa alguma  
não é assim?

Não, não estou zangado; senti muito a  
tua falta porém não me exasperei contra  
ti.

Muito bem, visto que nos não vimos á  
quinze dias hade ter muita novidade para  
me contar!

Alguna, no dia 8 do corrente a Associação Dramatica do theatro de S. Pedro fez a sua inauguração, assistida com SS. MM. II. O theatro estava com asseio e adornado com brilhantismo, houverão poezias, sendo no fim destas tocado o hymno nacional. Levarão o drama *Joanna Grey* ou *um throno para duas rainhas*, a senhora D. Ludovina diz que andou bem é inutil porque o publico conhece por demais uma actriz que não tem rival na eschoila dramatica. A Sra. D. Antonina Marquelou nada deixou a desejar, andou

magnificamente, e não era de esperar outra cousa da Associação, confiando papeis desta ordem á Sra. D. Antonina que já dá muita esperanza para o futuro. Os Srs. De-Giovanni, Galvão, José Luiz e Gusmão muito agradecerão.

Não podemos deixar de nos interessar por tão louvavel Associação, e oxalá que o publico reconheça os esforços e a ardua tarefa desses artistas, e lhe prodigalise todo o auxilio e protecção de que tanto necessita: é o quanto lhe desejamos.

Sahio hoje o 5.º numero do *Bazar Volante*, folha hebdomadaria, com excellentes gravuras, as quaes fazem sobresahir o espirito de que são dotados seus redactores, eu pela minha parte desejo-lhe longa prosperidade.

Não me disseste que a *Bella Fluminense* tinha dado a costa?

Não! Pois aquillo é algum barco de cabotagem?

Circulou aqui entre nós, porém na quarta e meia viagem, constipou.... e morreo.

Coitadinha eu sinto muito.

Não tens que sentir, ahí temos outro jornal que sahio a luz denominado *Argos*. Deos lhe dê uma sorte mais feliz, que a da pobre *Bella* ou então uma boma *machia*.

Estou receiando de te dar breve a noticia de que aquelle menino *Phylomatico* enfiou a trouxa para fazer uma viagem porque está quasi phytico.

O *Orgão do Progresso* não tem sahido com regularidade, porque ficou de boca aberta e *Binoculo* na mão extasiado a contemplar o *Progresso* de que é *Orgão*. O *Guahabara* não morreo é falso: vive, acbá de recuperar um pouco a força moral, porém é sujeito a molestia.

Morreo a *Bella* surgiu o *Argos*, é como o *lambo* que ficou eclipsado com os resplandecentes vidros do *Binoculo*: á tanto tempo guardado na caixa. Ah! ah!... ah! assim acontece deve ficar sempre o numero completo.

E' *Boaventura* que experimento sempre que te ouço assim fallar porque aqui para nós

Neste Rio de Janeiro  
Qualquer um é redactor;  
Assignantes e dinheiro,  
Eis-ahí todo o valor.  
S'uns luxão usão lunetas  
Tem outros pernas cambetas.

Não sei com certeza se teve lugar hontem a recita da *Sociedade Philo-Thalia* no theatro de S. Januario como estava annunciado, e breve espero ver a tua chronica com alluvia á ella.

Aquelle rapaz, com quem tu estavas n'outro dia, e me disse ser caixeiro na

*rua das Violas* a tres annos, é uma grande-císsima pêta, porque está desarranjado á muito tempo e sempre dizendo que está lá de caixeiro! não é isto ser pelintra?

Como é que soubeste disso?

Porque me dou com o redactor do *Archivo Litterario* e elle m'o apontou dizendo que até hoje ainda não tinha satisfeito o sua assignatura, estando o jornal quasi a finalizar o trimestre assim como me disse que para assignar foi ligeiro como um *Ribeiro* correndo *veloz* o peior não é isso, são os cobres e folhas com que elle fica.

Se o sujeito é desses então cá vai para o balalhão dos *expulsos*, jurando bandeira na companhia dos *destavados*.

E não é só elle não: um celebre que se assigna o *poeta Pereira de Abreu*, também está no mesmo caso, e outros muitos que para a outra vez te direi, por agora vamos ao importante.

Tens-te esquecido daquelle collega—Machado—(nada mais para ser conhecido até pelo moleque da Semana) *redactor do Luzitano*, da *Corrupção*, assignante do *Jornal meia cara*, membro do *Instituto Geographico*, *socio benemerito da Sociedade familiar*—*Maia*, *companheiro inseparavel do feiche de lenha* e conhecido vulgarmente por—*valentio papa moscas*.

Não, não me esqueci, fallaremos para outra vez agora estou com muita pressa adeos adeos.

Aonde vaes correndo cabeça douda? adeos até domingo.

Até lá, adeos.

\*\*

### Charadas.

Melado de mim, faz parte,  
Do nome d'um pau bem leve 1  
Me usão, negros gentios,  
Que fazem sem muita arte 2  
CONCEITO.  
Sou da parte vegetal.  
E styvo de sobre nome.

F. Leonardo.

Na França estou collocado 2  
Na musa! sou encontrado 1

CONCEITO.

De Roma um Rei  
Foi meo fundador  
No Brasil sou conhecido  
Por ti meu leitor.  
A. J. Rodrigues Senago.

### Aos nossos assignantes.

Rogamos aos nossos assignantes que, quando não receberem a folha com pontualidade, hajão de reclamar nesta redacção, para se darem as devidas providencias.

## RIO DE JANEIRO

TP. POPULAR DE AZEREDO LEITE.

RUA NOVA DO OUVIDOR N. 9.